

Afronte **como verbo: escrituras do ser ator negro em performatividade**

VICTOR HUGO LEITE DE AQUINO SOARES
ROBERTA K. MATSUMOTO

■ 360

Victor Hugo Leite de Aquino Soares (vhfro) é Mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPG-CEN) da Universidade de Brasília (UnB), com pesquisa sobre imagem, estética, atuação e representação de negras e negros nas Artes Cênicas, sob orientação de Roberta K. Matsumoto (Bolsista CAPES). É professor, ator, performer, bacharel em Interpretação Teatral (2017) pela UnB.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1777881129176126>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5374-2102>

Roberta K. Matsumoto é professora do Departamento de Artes Cênicas, do Programa de Pós-Graduação em Arte e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Antropologia Fílmica pela Université Paris X – Nanterre, realizou pós-doutorado na Université Paris 8 – Vincennes- Saint-Dennis tendo como foco de estudo as possíveis relações, influências e intercâmbios entre as Artes Cênicas e Audiovisuais. Coordena o laboratório Imagens e(m) Cena e o Grupo de Pesquisa de mesmo nome onde são realizadas pesquisas que problematizam as fronteiras entre teatro, vídeo, cinema, dança, performance e instalação a parti de processos inventivos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0410131148474385>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9352-402X>

■ RESUMO

Ao estabelecer diálogos com o doc-ficção *Afronte* (2017), dirigido por Marcus Mesquita e Bruno Victor, sobre homossexuais negros no Distrito Federal, este artigo trata de poéticas de resistência à heterossexualidade normativa e o sujeito branco como padrão do que seria humanidade. O trabalho parte da relação entre processos estéticos e identitários, para tratar do processo do ator de ser/tornar-se homossexual negro e também dos diversos modos como essas identidades engendram o processo criativo-inventivo de composição da personagem VH no filme. Apresentamos escrituras do ser ator negro em performatividade conjugando *Afronte* como verbo para por em cheque as questões de representação de homossexuais negros — masculinidades negras não hegemônicas — e trilhar caminhos em arte que destabilizem a história única, reducionista e normativa, impulsionando a emergência das pluralidades.

■ PALAVRAS-CHAVE

Homossexuais negros, cinema, doc-ficção, atuação, escrituras.

361 ■

■ ABSTRACT

Establishing dialogues through *Afronte* (2017), a docu-fiction directed by Marcus Mesquita and Bruno Victor about black homosexuals in Distrito Federal (Brazil), this article approaches poetics of resistance to normative heterosexuality and white people subject as humanity standard. This work starts from the relation between aesthetic and identity processes, to discuss the actor's process of being/becoming black homosexual and also the various ways these identities engender the creative-inventive process of composition of the character VH in the film. We present writings (experience writings) of being a black actor in performativity conjugating *Afronte* as a verb (which means to confront or to face) to bring into question the issues of representation of black homosexuals - non-hegemonic black masculinities - and to tread paths in art that destabilize a single, reductionist and normative history, propelling the emergence of pluralities.

■ KEYWORDS

Black homosexuals, cinema, docu-fiction, acting, writings (experience writings).

O mundo que os conservadores querem destruir,
o mundo gay e lésbico, o mundo trans, o mundo feminista,
[esse mundo] já é muito poderoso,
eles não têm nenhuma chance de destruí-lo.
E eles realmente sabem,
que não apenas é muito poderoso,
como está se tornando mais poderoso,
está se tornando mais aceito,
e quanto mais aceito é,
com mais raiva eles ficam.
Mas o que vemos agora
nesse conservadorismo sexual contemporâneo
ou o que podemos entender como política sexual reacionária
é um esforço para nos levar a um mundo que nunca mais voltará.
E é nisso que acredito.
Então, não devemos nos preocupar com a reversão de todos os nossos passos.
Eles estão tentando,
mas não vão ganhar,
Porque o nosso lado, é o lado da maior aceitação,
da maior compreensão
e oferece mais reconhecimento, a mais pessoas
e as pessoas querem viver com liberdade, querem viver com alegria.
Elas não querem viver com vergonha e não querem viver com censura.
Então, nós temos a alegria e a liberdade do nosso lado
e é por isso que ao final vamos vencer.
Judith Butler¹

■ 362

1. Ser/tornar-se homossexual negro: Arte, subversão e ruptura de silêncios²

Se eu³ pudesse começar com um grito, ele sairia de alguma margem, que é de onde eu penso que estou me fazendo existir agora, atravessaria o ar, cortaria os nossos ouvidos (inclusive os meus), os nossos corpos (inclusive o meu) de algum estado de pausa ou (des)conforto que estive(mos) por algum tempo. Seria um grito enunciado e anunciante da e de uma sub-versão. “Perverso, mal amado, menino malvado, muito cuidado, má influência, péssima aparência, menino indecente, viado! A placa de censura no meu rosto diz: não recomendado à sociedade”, como canta Caio Prado em *Não recomendado*⁴. Corpo subversivo de homossexual negro

¹ TV Boitempo (vídeo): Judith Butler no Brasil. Quem tem medo de falar sobre gênero? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cozmjJpMakM>. (Acessado em 13/03/2018)

² Este artigo apresenta algumas questões desenvolvidas na Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB), Mar Aberto: Diáspora Negra e(m) Imagens no Audiovisual e no Teatro de Victor Hugo Leite, sob orientação da profa. Dra. Roberta K. Matsumoto, ambos os autores desse artigo.

³ A voz em primeira pessoa do singular sempre que aparecer neste artigo denota uma escolha para enunciar discurso a partir da singularidade e do lugar de fala de Victor Hugo Leite de Aquino Soares, um dos autores deste artigo. As vozes em primeira pessoa do plural apresentam diálogos tramados entre os autores deste artigo, que em encontro multiplicam os olhares lançados sobre os temas aqui abordados.

⁴ Não recomendado, música de Caio Prado, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aq5yOS_XtNU. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/caio-prado/nao-recomendado/>. Essa obra de Caio Prado anuncia os corpos que a lógica silenciadora do discurso hegemônico quer negar e apagar, os corpos não recomendados à sociedade patriarcal, racista, heteronormativa.

escrito nas sub-linhas que a própria ordem do discurso hegemônico condena, marginaliza, persegue, subalterniza, o que eu chamo aqui de sub-verso, tecido na linha do sub-versivo, abaixo do verso, abaixo daquilo que as estruturas de poder categorizaram, inseriram, enquadraram como norma, como padrão, como hegemônico.

bell hooks (2013) anuncia que a sociedade está estruturada no “Patriarcado Capitalista da Supremacia Branca” e é neste contexto que nos subjetivamos, nos fazemos existir, nos inscrevemos, escrevemos e somos escritas/os, atravessadas/os por esses tantos feixes de opressões. Podemos localizar estas opressões como experiências para os sujeitos. Para Larrosa (2011), a experiência é vista como algo que nos acontece, que nos movimenta no mundo, que nos transforma, pois que não somos as/os mesmas/os que antes do acontecer da experiência, nossas visões de mundo se alteram, estamos marcados por esses acontecimentos. A partir disso, podemos entender as tensões vividas por um sujeito na intersecção entre a raça e a sexualidade que engendra a complexidade de masculinidades negras não hegemônicas. Compreendemos a ideia de raça conforme o pensamento de Flor do Nascimento (2014):

“Raça”, hoje, funciona como um marcador de hierarquia em contextos virtual ou efetivamente concretos. A ideia de raça, ao perder sua caracterização biológica, persiste como uma marca que define lugares políticos com uma diferença de força ou um signo da hierarquização violenta, da constituição inferiorizada da alteridade, que varia em contextos distintos, mas que marca sempre os lugares de privilégios e nas relações assimétricas, imprimindo nos corpos as marcas de uma história e não identificando algo já preexistente (condições biológicas). (p.447)

363 ■

E como nos lembra Osmundo Pinho (2004), ao refletir masculinidades negras:

[...] um indivíduo masculino pode apresentar uma posição hegemônica em dada situação e, em outra, estar colocado em situação subordinada. Isso é muito importante para entender como se produzem e sustentam identidades masculinas subalternas como um lugar da contradição entre sistemas de poder diferentes – a estrutura das classes, o sistema dimórfico dos gêneros, as práticas e discursos racializantes – que, ao se combinarem interseccionalmente, produzem novas diferenças, desigualdades e vulnerabilidades. (p. 66)

Então, como negar os abalos e os mo(vi)mentos da experiência em nossas narrativas artísticas? Como negar a experiência em nossos lugares de enunciação poética se ela também nos movimenta e nos desenha enquanto sujeitos com o mundo? Quando falamos de lugar de fala há uma dimensão social e, ainda, uma dimensão subjetiva. Social, tendo em vista que um mesmo acontecimento compartilhado pode gerar diferentes experiências, e subjetiva, pois carregamos as singularidades de nossos lugares de enunciação. Assim,

[s]em dúvida, se a experiência é para cada um a sua ou, o que é o mesmo, em cada caso outra ou, o que é o mesmo, sempre singular, então a experiência é plural. [...]. A experiência, portanto, é o espaço em que se desdobra a pluralidade. A experiência produz pluralidade. (LARROSA, 2011, p. 17)

Nesses muitos plurais, ao adentrarmos as realidades de homossexuais negros, podemos perceber corpos sub-versivos que se apresentam em um engajamento e posicionamento não-hegemônicos, vestidas da pele negra, “nosso manto de coragem” que “envaidece a viadagem” como canta Mc Linn da Quebrada em *Bixa Preta*⁵. Ou seja, como diz Pinho (2004, p. 66), “[c]ontra o macho adulto branco, pode se observar a existência social de outras posições de sujeito masculinas subalternizadas, que seriam, em termos gerais, aquelas identificadas com homens negros, pobres ou homossexuais.”. Assim, homossexuais negros partilham em consonância as experiências do racismo e do sexismo que forjam suas subjetividades, também e não somente, a partir desses lugares de margem.

O grito é um *continuum* de silêncios acumulados e ainda não consigo gritá-lo todo, um dia eu li um texto-conferência de Audre Lorde (1977) que se intitulava *continuum*. Já fui movido desde a potência dessas palavras iniciais. O título me sacudiu muito enquanto negr’artista e passa a impulsionar os meus processos em arte e em vida, depois de engolir alguns silêncios, resolvi dizer algumas coisas, resolvi não deixar que invisibilizem as minhas subalternidades, inclusive tenho me colocado nesta prática política em espaços de arte, de movimentos negros e educação. Uma prática que transforma silêncios em linguagem e ação pode ser vista na trajetória de hooks:

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – aprender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura. (2013, p. 83).

Escrever, dizer e gritar na tentativa de romper silêncios engolidos, de estabelecer uma pausa em palavras que permitem um movimento de cura, e que impulsionam ser/estar com o mundo.

2. Ser em invenção: Tramas entre estéticas e identidades

Estou em trama, em tranças, fios trançados no emaranhado de minhas redes de processos identitários com minhas redes de processos estéticos. Sou sujeito que partilha da crise de identidade posta em questão por Hall (2011):

⁵ Música *Bixa Preta* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VyrQPjG0bbY>. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/bixa-preta/>. Nessa obra, Linn da Quebrada anuncia sujeitos que se encontram nas intersecções entre gênero, raça e sexualidade, sujeitos que desafiam a norma e afirmam suas existências nas trincheiras da resistência às lógicas hegemônicas e silenciadoras dessas subjetividades.

Para aqueles/as teóricos/as que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. **Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito.** Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “**crise de identidade**” para o indivíduo. (HALL, 2011, p. 9 – grifos meus)

Fluo em fluxo, nesse vir-a-ser bixa-preta-diasporizada-ator-performer-pesquisador, negr’artista, espectadora e atuante dos processos estéticos movedores das minhas identidades, de meu ser/tornar-se homossexual negro. Como aponta Neusa Souza (1983) sobre as identidades negras e suas movências-agências, ser negro é um vir-a-ser, é tornar-se. Nos atravessamentos identitários sobre ser/tornar-se bixa: “a identidade homossexual se constituiu graças aos deslocamentos, às interrupções e às perversões dos eixos mecânicos performativos de repetição que produzem a identidade heterossexual.” (PRECIADO, 2014, p. 30). Acresço aqui que ser homossexual negro também é estar nesse fluxo de subversão e resistência, em viração, de vir-a-ser, virar-ser, virar-se, inclusive porque contém esse movimento conjunto-concômito, de tornar-se preta/o. Assim, como corpo nas fronteiras (fronteiras como espaços de tornar-se presente, de se fazer existir), eu me apresento em e pela arte, subversiva/o, resistente, torno-me presente nestes entre-lugares (BHABHA, 1998), entre bixa e preto em diáspora, entre ator-pesquisador-performer, minhas identidades dialogando com minhas vivências/experiências estéticas.

Escrevo para não ser mais o mesmo. Escrevo para me inscrever. Escrevo-Invento. Para descrever esse emaranhado de minhas redes de processos identitários e estéticos, abordo Kastrup (2007), que conceitua que a invenção de si e do mundo é um processo de co-engendramento. Para a autora, o sujeito cognitivo é criativo-inventivo, pois traz a dimensão inventiva (capacidade de formular novos problemas além do mundo pré-estabelecido) e a dimensão criativa (capacidade de resolver problemas a partir do mundo pré-estabelecido, já dado). A criação e a invenção não se anulam, nem se hierarquizam. Na inventividade o par inventor/inventado se torna inventor/inventor, posto que se **co-constituem** num espaço-tempo sem hierarquias. Há o frescor do novo, algo se instaura que movimenta capacidades de autoprodução poética de si e de mundos (autopoiese). A autora nomeia esses momentos de co-constituição por **assentamentos/acoplamentos/agenciamentos.**

Escrevo para escavar memória. Daquilo que me aconteceu. Daquilo que me passou. Da experiência. Como aponta Larrosa (2011), a experiência é “isso que me passa”, “isso que me acontece”, um isso externo a mim que me passa, que me

acontece e padeço por esse algo e me transformo. Aqui me coloco como sujeito da experiência: “esse território de passagem, essa zona de confluência onde distintas forças se interpelam, espaço onde as coisas acontecem, lugar da experiência” (COLLA, 2010, p. 25). Escrevo das experiências que me aconteceram, seguindo a metodologia de escrita de Conceição Evaristo, escritora negra, eu digo que escrevi. Localizo minha escritura preta, escritos da experiência, como **escrevivências**⁶. Quando eu escrevo, corre meu sangue-tinta dando vida às linhas escritas, dando vida à materialidade e as escrituras de meu corpo escrito/escrevente. Assim há a invenção de mim e de outros mundos. Escrevo para partilhar experiência e(m) invenção.

No tecido de minha rede criativo-inventiva elenco minha escritura no doc-ficção *Afronte*⁷ (2017), curta-metragem dirigido por Marcus Mesquita e Bruno Victor, para abordar o processo de co-constituição de mim — tornar-me negro homossexual e meus processos estéticos-artísticos — e do filme. Esse processo, dentre outros, se dá como uma *experiência (est)ética* porque envolve acontecimentos que me deslocaram como sujeito poético-político e colocaram minhas identidades em crise. Deste modo, o plural denota ideias que partilho com Hall (2011) de que o sujeito não se apresenta em uma identidade fixa e estável, mas sim em várias identidades que podem inclusive ser contraditórias.

Um ser atravessado pelas multiplicidades, evocar os plurais, os descentramentos e os deslocamentos [...]. A cena das id(entidade)s se complexifica numa movência de identificações deslocantes que refletem melhor o sujeito pós-moderno em sua dimensão plural. Esta pluralidade de identidades do sujeito (des)fia, desafia, a rede criativo-inventiva de co-constituições, de atravessamentos. Nesse jogo de plurais, as identidades(s) co-constituem entidade(s) porque nelas há também narrativas, rastros, inscrições de memória, dos lugares em que passamos, das relações com as pessoas que encontramos e que de repente, também, nos atravessaram, dos mitos e dos arquétipos que movimentavam nossos mundos, dos afetos e dos efeitos. (SOARES, 2017, p. 30)

Apresentadas trama, invenção e crise de identidade, escrevamos experiência e invenção, ou melhor, tremores gerados por encontros. Tessituras no espaço entre as palavras e os acontecimentos, entre estéticas e processo de individuação, apresentarei escrituras de *Afronte* (2017), como filme e como processo fílmico. Eu, ator, como um dos memoriais do processo, como sujeito da experiência, como um sismógrafo, mas sem tanta exatidão, posto que não posso dizer muito sobre o terremoto, a não ser trazer o registro subjêtil, parcial de alguns tremores que senti(mos). Este mo(vi)mento é sobre a co-constituição, o engendramento, o acoplamento, a invenção de mim, ator homossexual negro, e de *Afronte* (2017). Existimos

⁶ Texto Da *Grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita* de Conceição Evaristo, aquela que cunha e pensa sua escrita preta como escrituras. Disponível em: <http://nossaescrivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html> (Acessado em 23 de Janeiro de 2017, às 12:42).

⁷ Teaser *Afronte*, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J_gi1QShEg0. (Acessado em 13/03/2018)

na bitransitividade, com as pluralidades estéticas e as crises identitárias que esse encontro pode promover.

Ampliar nossos modos de abordar o cinema e as interpretações desse modo de expressão é prática fundamental para expandir nossas poéticas políticas como atrizes/atores pesquisadoras/es nas artes da cena. Nos cenários de análise e produção cinematográfica desejo ressaltar a importância de trazer as vozes e olhares das atrizes-pesquisadoras/atores-pesquisadores para falar sobre o cinema e seus lugares de atuação e discursos (est)éticos. O nosso olhar, desde os processos de composição e(m) suas metodologias até as análises das obras fílmicas. A proposta é de compartilhar olhares sobre *Afronte* (2017), incluindo o ponto de vista da/do atriz/ator como espectador/a e atuante dos processos de composição e realização da obra. O filme é um processo coletivo-colaborativo em que nós atrizes/atores somos corpos-memória, pontos de (re)acesso de afetos e de efeitos. Somos gêneses e rastros, então, parte e pistas dessa obra. Assim, a/o atriz/ator como agente do processo é também narrador/a, pensador/a, articulador/a de teorias sobre ele, ampliando nossas fontes de análise e nossos arcaibouços de teorias de interpretação e de poéticas-políticas.

3. Ser em *Afronte*: escriturências e poéticas de resistência

367 ■

Afronte (2017) é um doc-ficção sobre homossexuais negros no Distrito Federal que atingiu reconhecimento nacional e internacional⁸. O filme desenha o espaço em um contra-Plano Piloto, desvelando uma capital federal periférica que está para além do avião, fora dos eixos, descentrada ou multicêntrica. Assim, homossexuais negros e seus corpos-territórios se colocam como imagens e identidades de resistência e subversão que se fazem presentes denunciando as lógicas excludentes da segregação espaço-ideológicas e transportando lugares subalternizados, do invisível ao visível, na elaboração (est)ética do filme *Afronte* (2017). Corpos imersos nos entrelugares dos marcadores de identidade da raça e da sexualidade emergem: são masculinidades negras que desestabilizam as tessituras e texturas do discurso normativo branco heterossexual com imagens contra-hegemônicas.

Nesse contexto, entre estéticas, identidades e produção de subjetividade, localizamos a composição da personagem VH que se faz em co-constituição com o ator e autor deste artigo. A existência da personagem se dá no agenciamento do ator, de seus discursos materializados a partir das escriturências do corpo em performatividade, e das opções estéticas e técnicas do modo de expressão cinematográfico. Os imbricamentos das experiências do ator, ser/tornar-se homossexual negro, possibilitam a própria obra, posto que são seus discursos como pessoa-personagem que determinam a narrativa fílmica fazendo convergir pluralidades a partir da singularidade, mobilizando o jogo entre identidades/produção de subjetividades e realidades/ficções. Ao compor a personagem VH, as subjetividades emergem

⁸ Participou do 50º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro (Prêmio de melhor montagem, Prêmio Saurê e Menção Honrosa), Festival Mix Brasil (Coelho de Ouro de melhor curta-metragem nacional), Festival de Cinema Escolar de Alvorada (Prêmio de Destaque Nacional), Serile Filmulul Gay International Film Festival (Romênia), Festival Curta Cerrado, Festival Colors: cinema + diversidade, Festival de Cinema da Bienal de Curitiba, Festival Política (Portugal), Corvallis Queer film festival (Estados Unidos), 3ª Mostra de Cinema Negro de Sergipe - EGBE, Mostra Itinerante de Audiovisual - Cine Bodó.

dando lugar ao social, ao homossexual negro e suas representações, e às singularidades do ser, no caso o ator, em invenção. Por meio da montagem são sobrepostas camadas de realidades e ficções. Nos primeiros momentos do filme, vemos e ouvimos VH sendo entrevistado. A quem pertence o discurso? À personagem ou ao ator?

Na dimensão social percebemos a relação da integração de VH às comunidades negra e LGBT das quais faz parte: a aula de capoeira, a aula de cinema negro com uma professora negra, a festa que participa, o contato com o coletivo *Afrobixas* que o une ao grupo de homossexuais negros.

A aula de capoeira presente no filme é um elemento que pode nos ser alvo de análise de como as realidades e ficções movimentam identidades, posto que o ator não pratica capoeira, mas essa imagem é mobilizada no filme pensando que a capoeira está relacionada ao imaginário social do negro, bem como às culturas negras, no que tange às resistências, ao corpo e às ancestralidades. Como nos lembra Beatriz Nascimento no filme *Ôrí* (1989)⁹, um povo existe a partir de sua cultura, que é vivida também nos corpos em performatividade escrevendo mosaicos complexos de ancestralidades e memória em cena.

Assim, como na sequência da capoeira, nas sequências de festa a dança é apresentada como ação que materializa discursos. Nessas danças, as subjetividades negras homossexuais são mobilizadas como vivências coletivas, posto que “o corpo de um é o reflexo do outro e em cada um o reflexo de todos os corpos.” (*Ôrí*, 1989 – transcrição do filme). Dessa forma, o ser em *Afronte* escreve na tela movências que trama poéticas de resistência.

4. *Afronte* como verbo para desestabilizar as estruturas hegemônicas

Ética e Estética parecem dançar entrelaçadas na composição dos discursos em arte. A cena estética e as estéticas da cena movimentam nossas visões de mundo, influenciam nossos modos de pensar e agir:

Cinema e televisão não são apenas veículos que permitem circular mitos e tradições ou, com menor força, críticas e contestações. São campos de formatação da cultura que catalisam uma nova esfera pública de informação, entretenimento e debate capaz de produzir saltos que mudam a natureza do processo. (SHOHAT & STAM, 2006, p. 12)

Ao entender a amplitude potencial de ação das imagens na formação das sociedades e das culturas, percebemos o quanto é necessário expandir e questionar os modos como as identidades homossexuais e negras têm sido representadas nas mídias. Não podemos ignorar que o cinema, como parte do tecido sociocultural, está atravessado pelo racismo, pelo sexismo, pela LGBTfobia e que esses discursos se materializam em imagens.

⁹ *Ôrí* (1989) é um documentário dirigido por Raquel Gerber, em que a voz de Beatriz Nascimento é protagonista, apresentando e refletindo os movimentos culturais de existência e resistência negra no que ela chama de Civilização Transatlântica, lugar de existência negra em Diáspora, entre Áfricas e Américas.

Entende-se aqui o racismo como sistema complexo que tem como agência a lógica da desumanização das pessoas negras sustentando as concepções antagônicas de humanidade branca, como aponta Ana Luiza Pinheiro Flauzina (2014), inclusive sujeitos brancos são vistos como padrão do que seria humanidade. Como podemos ver em obras como *Dogma Feijoadada: Cinema Negro Brasileiro de Jefferson De* (2005) e *A Negação do Brasil* (2001) dirigido por Joel Zito Araújo, o racismo opera no audiovisual interferindo na plena participação de pessoas negras. As estratégias do racismo em parceria com a exclusão, com a negação de nossas presenças e com o estereótipo (redução/caricaturização/ridicularização de nossas identidades) deturpam nossas imagens e negam nossos direitos a outras imagens que não as cunhadas pela lógica da opressão. O sistema heterocentrado ataca nossas identidades subversivas e contrassexuais (PRECIADO, 2014), desconfigura nossas imagens que existem/tornam-se presentes fora de seu discurso normativo.

Afronte (2017) subverte os discursos racista e sexista de ordenamento de mundo ao trazer às cenas estéticas questões sobre identidades negras e homossexuais em representação e as representações das identidades negras e homossexuais. Esse filme apresenta homossexuais negros em imagens de amor e afronte, de afetos e resistências. Insurge numa lógica antirracista e contra a heteronorma que busca movimentar os imaginários das/dos espectadoras/es para além dos estereótipos, exclusões, reduções cunhadas pelos discursos hegemônicos e opressores.

Discutir políticas de identidades e representação a partir dos filmes e das artes da cena materializa a importância daquilo que Hall (2011) nos anuncia ao falar que os processos identitários constituem também processos políticos. Filmes afro-homoafetivos questionam a abordagem de homossexuais negros como objeto ao discutirem a representação de suas identidades, histórias e memórias na perspectiva da agência e do protagonismo. Assim, apontamos a relevância de tematizar/discutir/performar/desmitificar homossexuais negros no cinema e suas interpretações fílmicas para “[...] sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições” (PRECIADO, 2014, p. 27) e embaralhar o quadro de referências eurocêntricas sobre o que é ser humano.

Conclusão

Podemos localizar em *Afronte* (2017) o potencial estético que João Francisco Duarte Junior (1980) ressalta ao afirmar “a arte como forma de conhecimento humano. Isto é: através da arte, o homem encontra sentidos que não podem se dar de outra maneira senão por ela própria.” (p. 7). As poéticas da resistência que conjugam **afronte** como verbo são materializações estéticas de discursos que, em diálogo com a sociedade, convidam em certa medida, a vermos outras histórias, outras imagens e outras formas de atuação fílmica e de representação/presentificação de homossexuais negros que subvertem/desvelam os contornos desleais do racismo e da heteronorma. Apresentam, assim, propostas que rompem a lógica de uma história única, estereotipada e reducionista, ao reconhecer as singularidades fazendo, deste modo, emergir pluralidades.

REFERÊNCIAS

Afronte. Direção: Marcus Mesquita e Bruno Víctor. Duração: 16 min. Brasil, 2017.

A negação do Brasil. Direção: Joel Zito Araújo. Duração: 92 min. Brasil, co-produção Casa de Criação, 2000.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

Bixa Preta, música de Mc Linn da Quebrada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ze-Ma942nYe4>. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/bixa-preta/>. (Acessados em 13/03/2018).

COLLA, Ana Cristina. **Caminhante, não há caminho. Só rastros.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Campinas, 2010. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/js-pui/bitstream/REPOSIP/284047/1/Colla_AnaCristina_D.pdf. (Acessado em 13/03/2018)

■ 370

DE, Jeferson. **Dogma Feijoada:** O cinema negro brasileiro. São Paulo: Ed. Imprensa Oficial, 2005.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **A dimensão estética da educação.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 1980.

EVARISTO, Conceição. Texto em seu blog Nossa Escrivência. **DA GRAFIA-DESENHO DE MINHA MÃE UM DOS LUGARES DE NASCIMENTO DE MINHA ESCRITA.** Disponível em: <http://nossaescrevencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html> (Acessado em 13/03/2018)

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. As Fronteiras Raciais do Genocídio/The Racial Boundaries of Genocide. **Revista Direito.UnB**, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <http://revistadireito.unb.br/index.php/revistadireito/article/view/21>. (Acessado em 13/03/2018).

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Entre a educação e a política: a colonialidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação.** Número 23: nov/2014-abr/2015, p. 444- 458. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.v0i23.4708>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2013.

KASTRUP, Virginia. **A invenção de si e do mundo.** Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Rev. Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, vol.

ouvirouver ■ Uberlândia v. 15 n. 2 p. 360-371 jul. | dez. 2019

19, n. 2, p. 04-27, julho/dez. 2011. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>. Acessado em 13/03/2018. DOI: <https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>

LORDE, Audre. **Transformando o silêncio em linguagem e ação**. Comunicação de Audre Lorde no painel "Lésbicas e literatura" da Associação de Línguas Modernas em 1977 e publicado em vários livros da autora. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/>. (Acessado em 13/03/2018)

Não Recomendado, música de Caio Prado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aq5yOS_XtNU. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/caio-prado/nao-recomendado/> (Acessados em 13/03/2018).

Ôrí. Direção: Raquel Gerber. Duração: 100 min. Brasil, 1989.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro. **Democracia Viva**, v. 22, p. 64-69, 2004. Disponível em: http://www.academia.edu/1420907/Qual_%C3%A9_a_identidade_do_homem_negro. (Acessado em 13/03/2018)

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

371 ■

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. São Paulo. Ed. Cosac Naify, 2006.

SOARES, Victor Hugo Leite de Aquino (VH). **Arte e ação antirracista**: diálogos entre cinema e teatro na sala de aula. 2019. 44 f. Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Departamento de Artes Cênicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SOARES, Victor Hugo Leite de Aquino (VH). **Travessia**: Escrivências de um tornar-se negr'artista em experiências (est)éticas. 2017. 68 f. Monografia (Bacharel em Interpretação Teatral) – Departamento de Artes Cênicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Recebido em 08/05/2019 - Aprovado em 01/09/2019

Como citar:

Soares, V. H. L. de A.; Matsumoto, R. K. (2019). *Afronte* como verbo: escrituras do ser ator negro em performatividade. *OuvirOUver*, 15(2), 360-371.

<https://doi.org/10.14393/OUV-v15n2a2019-48981>



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.